

# Henrique - Nem Petrônio nem Urbano

Pe. Henrique Ernesto Cervi, + 19.12.97

Pe. José Egdard de Oliveira\*

**D**e acordo com o seu livro "*Santos e Santas, Patronos e Protetores*"<sup>1</sup>, talvez não sejam estes - Petrônio, celebrado em 29-10 e Urbano, em 19-12 - os Santos que Pe. Henrique Ernesto Cervi teria escolhido para Patronos do dia de seu nascimento e para a data de sua morte.

Aos 29 de outubro de 1942, em Brusque, SC, nascia Henrique, filho de Hercílio Henrique Cervi e Ismênia Arruda Cervi. Foi batizado na Igreja Católica e registrado como Henrique Ernesto. Os pais e o único filho foram de mudança para a cidade de Lages, SC, onde Henrique Ernesto cursou o primário no Colégio Santa Rosa, entre 1950 e 1954.

Depois, jovem, transferiu-se para Curitiba, PR, onde estudava e trabalhava, tendo o apoio de Pe. João Zleszny, amigo da família. Em Curitiba, também, frequentou aulas de canto e teatro. Foi nesse período de sua vida, acredito que nos anos de 1957-58, que o jovem Henrique veio a conhecer minha terra, São João Batista, onde era pároco Mons. José Locks, amigo do Pe. João Zleszny. Este, homem de rara inteligência, estupenda memória, dotes musicais e - o que me chamava a atenção - profundos conhecimentos de Patrística e História da Igreja.

As férias de fim de ano, nas festas natalinas, tinham a rica presença de Pe. João e do jovem Henrique. Nas celebrações litúrgicas, em que se arrebanhavam cantores e cantoras formando o coro em que, quase sempre, era solista o Henrique, sobressaía a regência e a voz potente do robusto Pe. João, pedalando com fúria um pequeno harmônio da marca "Edmundo Bohn", de Novo Hamburgo.

Por essa época, eu cursava o terceiro e quarto anos de Teologia no Seminário Maior de Viamão, RS. A paróquia de São João Batista contava, então, com uns trinta seminaristas, distribuídos no Seminário Menor de Azambuja, em Brusque, SC; no Seminário de Nossa Senhora da Consolata, em Rio do Oeste, SC; no Seminário jesuíta de Salvador do Sul, RS, e ainda, no Seminário de Nossa Senhora de Sião, em São Paulo. Mons. José Locks, o pároco, não interferia, e cabia a mim e ao embatinado Francisco Orsi, da Consolata, estudante em São Manuel, SP, a organização do nosso tempo de férias. As Missas, durante a semana e aos

domingos, deveriam ser participadas, se possível, por todos. Era uma linda convivência. Nossos passeios, nossas festinhas e nossas "campanhas" para angariar dinheiro, eram programadas em conjunto. Ensaivamos pequenas peças de teatro e, nas representações, rifava-se até mesmo uma saca de açúcar da USATI. O salão de cinema dos irmãos Campos, lotava. E, nos intervalos, ouvia-se a voz privilegiada de tenorino, do jovem Henrique, interpretando "Casinha Pequeninha", "Luar do Sertão", ou trechos clássicos como "Ave Maria" de Bach-Gounod, "Schlafe, mein Prinzchen" de Mozart, e números de extrema versatilidade da cantora peruana Yma Sumac. Henrique começava a fazer parte da nossa São João Batista que, mais tarde, ele adotou como sua "segunda terra natal", na expressão dele mesmo. Minha família o tinha como um dos nossos. Ele me disse, um dia, que sua decisão de se tornar Padre se definiu quando me viu Diácono<sup>2</sup>. Isto eu guardo com emoção...

Mais uma transferência da família - os três - desta vez para Porto Alegre. É importante falar de seu apreço pela cultura judaica, em razão das raízes familiares: Arruda, Cervi. Na sinagoga de Porto Alegre, diversas vezes participou dos cultos, como ele me confidenciava.

Em Porto Alegre, então, decide entrar no Seminário Imaculada Conceição, em Viamão, RS, cursando regularmente Filosofia e Teologia, de 1966 a 1972. Foi aceito como membro do Clero: aos 13 de setembro de 1970, na capela do Seminário, deu-se o rito da sua "tonsura"<sup>3</sup>. Seguiram-se as chamadas "ordens menores": Ostiariato e Leitorato, em Bom Princípio, RS, no Seminário de São João Vianney, a 16 de junho de 1971; e Exorcistato e Acolitato<sup>4</sup>, em data de 11 de setembro de 1971, novamente na linda capela do Seminário Maior, em Viamão.

Terminado o curso de Teologia, o clérigo Henrique permaneceu em Porto Alegre, auxiliando em paróquias, nos anos de 1973-74. Foi quando me escreveu, pedindo para eu fazer junto a Dom Afonso Niehues uma sua apresentação, a fim de ele ser incardinado na Arquidiocese de Florianópolis.

*"Seu apreço pela cultura judaica, em razão das raízes familiares"*

Mostrei a carta ao Arcebispo, recomendando o pedido, e Dom Afonso deu a sua aprovação. Pouco depois, a 12 de janeiro de 1975, na Igreja paroquial de São João Batista, o mesmo Dom Afonso Niehues conferia a Henrique o sacramento da Ordem, no grau de Diácono. Foi uma imensa alegria para o povo batistense. Povo que lotou carros e ônibus, um mês depois, para levar de novo carinho e apoio ao Diácono Henrique na sua ordenação presbiteral na catedral de Lages, SC, por mãos de Dom Honorato Piazeira, a 15 de fevereiro de 1975.

Foi nesse mesmo ano que Pe. Henrique veio como professor para o Seminário de Azambuja, em Brusque. Já em 1976, transferindo-se para Florianópolis, Pe. Henrique foi nomeado por Dom Afonso para integrar o Tribunal Eclesiástico Regional. Sendo um autodidata e minucioso pesquisador, *leccionou Direito Canônico no ITESC* até o seu falecimento, *ali também desempenhando o cargo de Secretário Executivo*. Teve cargos intermediários, como o de Promotor de Justiça e Defensor do Vínculo, além do de Notário e Secretário do Arcebispo.

Pe. Henrique Ernesto Cervi não era homem de empreender, administrar e organizar, mas especificamente homem de assessoria, envolvendo estudo e pesquisa. Assim mesmo, abria espaço para o ministério pastoral, exercendo várias Capelanias. Por exemplo, de 1981 a 1996, durante o mês de janeiro, assumia a administração paroquial de São João Batista, hospedando-se na Casa Paroquial local, substituindo o pároco em férias. Isto ele fazia com a maior satisfação.

Em Florianópolis, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição o teve como Capelão desde a inauguração da nova Igreja, em 1982. Todo domingo às 18.00h e cada dia 16, comemorando Santa Edviges, a Missa presidida pelo Pe. Henrique lotava o recinto. Apreciavam suas homilias, nas quais nunca faltavam referências ao santo e/ou santa do dia. Nesse encargo recebia um salário, que lhe era repassado pela Mitra Metropolitana.

Era desapegado de bens materiais e de pretensões de grandeza. Era pobre de origem, e viveu esta condição com dignidade, sem amargura. Aliás, esta mesma afirmação eu a ouvi do sr. Antônio Francisco Machado, Provedor da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, de São José. Aí, na capela da Irmandade, às 8.00h do segundo domingo do mês, a Missa era presidida pelo capelão Pe. Henrique. "Um homem de fino trato e de apurada educação", como se expressou o provedor. Diz ainda o sr. Machado: "A todos cumprimentava com simpatia e, quando alguém era esquecido, pedia desculpas..." Ainda, em Florianópolis, exerceu o cargo de capelão do Hospital de Caridade, por escolha da Irmandade do Senhor dos Passos da capital, pelo menos por uns dois anos, na década de 80.

Pe. Henrique não era homem de fazer alarde de si mesmo. Apesar de sua aguda inteligência, memória especial e vasta cultura. Entre seus dotes, estava a poesia da linguagem sutil, carregada de emoção e versatilidade. Conhecedor de muitos assuntos, sabia esconder

sob uma atitude, às vezes irreverente, seu lado teatral, cômico. De bisturi em punho, suas críticas, sem aze-dume, mostravam em piadas e gracejos - e anedotas sem conta! - o lado jocoso da vida, tomando a sua convivência alegre. Quando não podia superar os conflitos, retraía-se. Uma vez mostrou-me uma poesia sua, escrita em espanhol antigo e ladino, em que traduzia recordações de sua avó materna, de uma pátria perdida, de uma Espanha deixada por medo da Inquisição<sup>5</sup>. Pe. Henrique nunca esqueceu suas raízes hebréias e costumava realçar, principalmente nas artes, os valores provenientes do povo judeu. Na música, especialmente na ópera, encontrava traços escondidos dessa cultura, no modo de ver dele.

Era reservado em seus relacionamentos sociais, e reservado se entregou à insidiosa enfermidade que o levou a se internar no Hospital Celso Ramos, em Florianópolis. Durante o último mês e meio foi cortando seus últimos laços, com poucas visitas, poucas palavras, olhos quase sempre cerrados, parecendo treinar para um outro espaço. E às 9.00h do dia 19 de dezembro de 1997, poucos dias antes do Natal, no seu quarto de enfermo, sem a presença de seu pai, já falecido, mas com a mãe Ismênia a seu lado e o seminarista do ITESC, Valderi José dos Santos, Pe. Henrique Ernesto Cervi fez sua última entrega: a de sua vida. Decidira ser simplesmente Sacerdote, e o foi. Na expressão do fiel Valderi, a palavra não ouvida: "*Chamaste-me, Senhor... Aqui estou!*"

\* O Autor é Vigário Paroquial de São José

## NOTAS

<sup>1</sup> H.E.CERVI, *Santos e Santas - Patronos e Protetores*, Edit. Santuário, Aparecida, SP, 1997, 47 pp., Apresentação do próprio Autor

<sup>2</sup> Recebi a Ordem do Diaconato aos 5 de janeiro de 1958, na capela da Chácara das Irmãs da Divina Providência, na Trindade, Florianópolis. Marcante celebração presidida pelo então Arcebispo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira

<sup>3</sup> Este rito, hoje em desuso, se dava pela tosquia de mechas de cabelo nos quatro pontos cardeais da cabeça do candidato, desde então considerado clérigo

<sup>4</sup> Usamos a grafia de então, com t em vez de d

<sup>5</sup> Pe. Henrique remontava seus antepassados aos *sephardim*, uma das maiores divisões do povo judeu que vivia na Espanha (*Sepharad*, em hebraico), na Idade Média. No ano de 1492, expulsos do domínio espanhol, os *sephardim* se estabeleceram na França, Holanda, Inglaterra, Itália, Grécia, Turquia, Palestina, norte da África e, depois, nas Américas. Preservam seus costumes, rituais religiosos, e a língua "ladina", uma forma de espanhol medieval com as palavras escritas em caracteres hebraicos: cf Enciclopédia Britânica, s.v. *sephardim*

## Endereço do Autor:

Casa Paroquial de São José  
Praça Hercílio Luz, 201  
88103-050 SÃO JOSÉ, SC

# Padre Roer

## Um Santo Sem Milagres

Valberto Dirksen \*

Quando se estuda a história de Santa Catarina, mormente a história da Igreja neste Estado, percebe-se que há uma grande lacuna e um grande silêncio a respeito daqueles que foram os pioneiros e o fundamento de grande parte das comunidades das paróquias e dos municípios. Trata-se dos padres católicos e pastores evangélicos que atuaram junto aos imigrantes não só no campo estritamente religioso como também no intelectual e social. É dever de justiça tirar lições do bem praticado no passado por estes heróis para serem conhecidos e reconhecidos pelas gerações do presente e vindouras.

Na ocupação do espaço territorial catarinense, merece destaque em primeiro lugar o estabelecimento dos povoadores açorianos na ilha e litoral de Santa Catarina. Chegados a partir de 1748, quando o Brasil era ainda colônia de Portugal, os açorianos receberam assistência religiosa por parte de padres enviados de Portugal. Era uma assistência fraca por parte de um clero nem sempre bem preparado, formado segundo os padrões do catolicismo tradicional lusitano. Com a independência do Brasil em 1822, Portugal deixou de enviar clero para o Brasil e os fiéis em Santa Catarina não receberam mais novos curas d'almas. "A situação religiosa de Santa Catarina não era das melhores. O bispo morava no Rio de Janeiro. Escassez geral de Clero. Excetuando-se os Jesuítas das Missões de Florianópolis e Nova Trento, menos de 10. Alguns tinham perdido o interesse pelo apostolado. Usufruíam de empregos públicos e se preocupavam mais com o sustento dos filhos. O planalto e o litoral estavam abandonados. Também Santa Catarina era vítima da grande crise religiosa que se abatera sobre o Brasil no século XIX. Para o alimento da fé, as tradições religiosas e as Irmandades."<sup>1</sup>

Em 1829 teve início a imigração alemã para Santa Catarina. A partir desta data, levadas e mais levadas de imigrantes se estabeleceram neste Estado fundando, entre outras, as colônias de São Pedro de Alcântara,

Santa Isabel, Joinville, Blumenau, Brusque e Teresópolis. Com este fluxo migratório, alguns fatos novos se apresentam para a Igreja em Santa Catarina: mais da metade dos imigrantes não eram católicos, estabelecem-se em regiões até então desabitadas<sup>2</sup> e distantes das sedes paroquiais. Além disso, os imigrantes não conheciam o idioma português, o que dificultava ainda mais uma adequada assistência por parte do clero luso-brasileiro. De 1875 em diante aportaram também muitos imigrantes italianos e poloneses, que se estabeleceram respectivamente no sul e no norte do Estado e em volta das colônias alemãs.

A área colonial a que se refere este estudo, isto é, os vales do Cubatão, Capivari e Braço do Norte, foi colonizada principalmente por imigrantes procedentes das regiões alemãs do Mosela (Hunsrück e Eifel), da Renânia e da Westfália. As famílias procedentes desta última região eram todas católicas e de uma tradicional e profunda religiosidade. Cada povoado, na Europa, tinha sua igreja, onde todos freqüentavam a missa dominical. Certa vez um pesquisador perguntou a um já idoso colono imigrante a respeito de como se sentia no Brasil. O entrevistado respondeu que sentia saudades de sua terra natal onde, aos domingos de manhã, podia ouvir o toque do sino que chamava os fiéis à igreja.<sup>3</sup> Aqui o imigrante morava no seu lote, não raras vezes localizado a quilômetros de distância da modesta capela construída pelos próprios colonos.

Mas afinal, por que vieram os imigrantes para Santa Catarina e quais as suas características culturais e religiosas? - Muitos são os motivos que os levaram a abandonarem sua terra natal. A maioria eram agricultores e na pátria de origem trabalhavam como rendeiros ou meeiros na terra de um Bauer, "fazendeiro", a quem deviam entregar boa parte de sua colheita anual, bem como outras obrigações e encargos. Para os pequenos proprietários a situação não era melhor, pois as famílias eram, em geral, numerosas, sendo impossível subdividir a pequena área de terra para os filhos herdeiros. Outros não queriam se submeter à

---

*"Por que vieram os imigrantes para Santa Catarina e quais as suas características culturais e religiosas?"*

---

condição de operários, no processo de industrialização então em curso. Não poucos eram vítimas da propaganda inescrupulosa de agentes que propagavam e alimentavam a "febre" da emigração, pois ganhavam por pessoa arregimentada. Sejam quais foram os motivos que levaram este ou aquele a emigrar, todos queriam garantir um futuro melhor para seus filhos e os filhos de seus filhos.

Terminada a penosa viagem de travessia, que às vezes chegava a demorar 3 meses, o imigrante viu-se quase sempre abandonado à própria sorte na colônia

---

*"Padre Roer  
decidiu-se pela  
missão no Brasil  
ao tomar  
conhecimento  
do estado de  
abandono em que  
se encontravam  
seus conterrâneos"*

---

onde predominava a selva da mata atlântica e onde as terras férteis e planas era uma exceção em meio aos vales montanhosos. "O recém-chegado no Brasil conservava intacta a lembrança da pátria distante, com tudo aquilo que simbolizava sua natureza familiar, amigos e parentes, túmulos carinhosamente cuidados, templos veneráveis nas aldeias e cidades,

usos e hábitos típicos, costumes consolidados, agricultura, artesanato, profissões, comércio, arte e ciência em plena atividade. Aqui, logo no início sentia-se em ambiente estranho, via plantas diferentes, outras espécies de animais, novas constelações, ninguém a quem pudesse fazer uma confidência, lugar algum que lhe fizesse recordar o passado, nenhuma igreja ou escola para os filhos, a par de usos e costumes diversos dos seus. Um permanente tatear, procurar, começar da estaca zero tudo o que na Europa já estava ordenado e demarcado. Enquanto lá a paisagem podia ser apreciada em sua beleza cultivada, e até os bosques eram plantados e cuidados, aqui a natureza exuberante se manifestava pela mata virgem das florestas, povoadas de animais estranhos, bravios, alguns venenosos, que se mostravam menos amigos do homem do que seus inimigos."<sup>4</sup>

Os imigrantes tiveram no início uma existência muito difícil. Alguns haviam perdido entes queridos durante a viagem quando ainda em alto mar. Outros, logo na chegada, pois nem todos tinham forças físicas e morais para suportar uma viagem de três meses desde a cidade de origem até o local de chegada e adaptar-se ao novo clima, muito diferente daquele da terra de origem. Assim, por exemplo, a família Heinrich e Elisabeth Wassing, teve seus três filhos "sepultados" em alto mar, chegando a Florianópolis somente o casal. A família Bernard Gesing ainda morava no galpão dos imigrantes quando faleceu o pai, e a viúva (Theresia

Locks) com dois filhos tomou posse, sozinha, do lote em Rio Salto. Lá contraiu segundas núpcias com Bernard Eyng que também foi ceifado pela morte 13 meses mais tarde. Como é sabido, as terras em Rio Salto são acidentadas e pouco produtivas, de sorte que a viúva e os filhos não conseguiam enfrentar sozinhos as dificuldades e os trabalhos. Por isso, no ano seguinte, ela contraiu terceiras núpcias com Bernard Steen.

Nesse contexto era fundamental a presença do padre para confortar, encorajar, organizar a comunidade, e dar apoio moral e assistência espiritual em todos os momentos da vida. E é aqui que entra em cena a pessoa do santo e heróico sacerdote **Guilherme Roer**. Como imigrante numa terra estranha, partilhou das mesmas agruras de seus concidadãos, mas como cura d'almas soube consolar e ajudar a todos quantos precisavam de um arrimo.

Não se sabe quais os motivos<sup>5</sup> que levaram Padre Roer a trocar, em novembro de 1860, a vida segura e confortável de capelão, na cidade de Warendorf, pelo futuro incerto e desconhecido no Brasil. A única explicação plausível aponta para um íntimo chamado missionário. Mas por que o Brasil, e não antes os Estados Unidos, para onde se dirigiam mais de 80% dos emigrantes alemães? Documentos da época indicam que Padre Roer decidiu-se pela missão no Brasil ao tomar conhecimento do estado de abandono em que se encontravam seus conterrâneos.<sup>6</sup>

Tomando como base o "curriculum vitae"<sup>7</sup> que se encontra no Arquivo Diocesano de Münster, Padre **Wilhelm Friedrich Clemens Roer** nasceu no dia 29 de setembro de 1822, numa abastada família burguesa residente na mesma cidade. Seu pai, Dr. Franz Roer, era médico e sua mãe chamava-se Sophia Honthum. Depois de terminados os estudos no Gymnasium Paulinum em 1838, estudou teologia, sendo ordenado diácono no dia 8 de abril e sacerdote no dia 19 de agosto de 1848 na Catedral de Münster, onde também celebrou sua Primeira Missa no dia 28 do mesmo mês. Desde 11 de novembro de 1838 era proprietário do vicariato "Jesus, Maria e José", na igreja antiga de Warendorf, uma fundação de direito familiar criada em 1759 pelo comerciante Johann Heinrich Hunkemöller. Coube-lhe o vicariato como herança de seu tio Nikolaus Honthum, cônego em Dülmen. Enquanto estudante, deixou que o vicariato fosse administrado por outros clérigos. Ordenado sacerdote, assumiu ele próprio o vicariato. Em 1852, quando a Congregação da Damas do Sagrado Coração, fundada em Paris em 1800, abriu uma casa em Warendorf para cuidar de meninas órfãs e acolher filhas da alta burguesia, Padre Roer tornou-se seu diretor espiritual. Em 1853, a associação Kolping, fundada naquele ano, o escolheu como seu primeiro assistente.

De todos esses cargos Guilherme Roer abdicou quando, por sua própria decisão, resolveu vir trabalhar como missionário junto aos colonos imigrantes no

Brasil, onde pastoreou os católicos alemães no Estado de Santa Catarina durante quase 30 anos.

Naquela época Santa Catarina estava sob a jurisdição eclesiástica do bispado do Rio de Janeiro. Aportando naquela cidade, o bispo o teria encaminhado ao Padre Carlos Boegerhausen, pároco em Joinville, o qual devia averiguar sua idoneidade e capacidade e em seguida indicar-lhe uma adequada área de atuação na região de colonização. Coube ao Padre Roer a região de colonização alemã no sul do Estado, até então sem nenhuma assistência religiosa. Morou inicialmente em Vargem Grande, localidade distante uns 30 km. de Florianópolis e onde se encontrava a mais antiga capela do vale do Cubatão, fundada em 1836 por colonos de São Pedro de Alcântara. Pouco tempo depois estabeleceu-se em Teresópolis, sede da colônia fundada em 1860, distante 2 horas de viagem a cavalo adiante de Vargem Grande.

Padre Guilherme Roer desenvolveu a maior parte de sua atividade pastoral a partir de Teresópolis, onde se localizava a sede da colônia e também do Curato. A maior parte das terras do Vale do Cubatão eram montanhosas e infrutíferas, de sorte que os colonos trabalhavam pesado para uma modesta colheita. Os caminhos eram feitos e mantidos pelos próprios colonos, e encontravam-se geralmente em péssimo estado. Muitas vezes não passavam de picadas na floresta, que podiam ser transitadas com dificuldade com animais de montaria e bestas de carga. No início da década de 1860, grande número de famílias de agricultores da região de Münster, na Westfália, emigraram para o Brasil e foram localizadas na colônia Teresópolis. Anteriormente já se haviam estabelecido na região de Vargem Grande e Santa Isabel as famílias procedentes do Mosela e da Renânia. Todas essas famílias, de prole numerosa, sentiram-se felizes em poder cumprimentar e dar as boas vindas ao conterrâneo e cura d'almas, o bom Padre Roer.

O território por onde estavam espalhados os imigrantes era imenso. Compreendia uma área que se estendia desde Vargem Grande, passando por Teresópolis e Santa Isabel e o vale do Capivari, nos atuais municípios de São Bonifácio e São Martinho. A partir de 1875, data do estabelecimento dos alemães westfalianos no vale do Braço do Norte, Pe. Roer visitava também de tempos em tempos São Ludgero, então sede principal dos colonos naquela região. A última comunidade situava-se a mais de 100 km. da sede do Curato. Suas viagens apostólicas, a pé ou em lombo de cavalo, não eram sem perigos e risco de vida. Estradas não havia. Os caminhos não passavam de estreitos atalhos (picadas) pela mata, morro acima e morro abaixo, principalmente quando se tratava de visitar doentes ou moribundos distantes às vezes alguns dias de viagem.

Numa dessas viagens tomou conhecimento das ricas terras do vale do Braço do Norte que ainda estavam, na maior parte, cobertas de mata virgem. Logo

seu plano estava concebido. Na primeira ocasião chamou para Teresópolis seus paroquianos, residentes nas diversas linhas coloniais, e propôs-lhes o plano de transferência para as terras disponíveis no Braço do Norte. Sem demora encetou com alguns colonos a viagem para a "terra da promessa", a fim de verificar as reais possibilidades.

Uma viagem a Desterro, uma conversa pessoal com o Padre Boegerhausen e a valiosa intervenção deste junto às autoridades, redundou no resultado almejado. Segundo consta, Padre Roer manteve contatos com o governo imperial do Rio de Janeiro e tratou do assunto diretamente com o Imperador D. Pedro II.<sup>8</sup> Cada família obteve de 50 a 70 hectares de terra por um módico preço, ainda cobertos de mata, é verdade, mas de solo fértil e clima saudável. A transferência dos colonos de Teresópolis para Braço do Norte ocorreu nos anos de 1873 a 1875, quando se fundaram umas oito comunidades com aproximadamente 60 famílias.

Para implementar a colônia, Bernard Schlickmann teria feito umas 25 viagens pela floresta. Padre Roer o encorajava a perseverar firme em seu trabalho e dedicação e prometeu a ele e seus companheiros que não os abandonaria na nova terra. E manteve a palavra. Celebrou a primeira missa debaixo de frondosa figueira, cujas enormes e tortuosas raízes lhe serviram de confessionário. Com alegria e gratidão os westfalianos assistiram a primeira missa e ouviram atentamente as palavras de seu antigo vigário, que lhes pedia encarecidamente preservar com fidelidade na nova colônia a fé, os costumes e a língua e, através de um regular e devoto culto, suprir o que ele, em virtude da grande distância, não podia realizar como pastor. Pediu-lhes duradoura união e aceitação daqueles a quem ele nomeava como líderes e pessoas de confiança para a comunidade. E assim fizeram. Em todas as comunidades construíram capelas maiores ou menores, de acordo com o número de famílias. Ali reuniam-se aos domingos e dias santos e celebravam o culto. Como líderes da colônia foram indicados Bernard Steen como presidente e Bernard Schlickmann e Heinrich Hobold como auxiliares. O trabalho conjunto destes três, com a colaboração dos demais, foi o fundamento da próspera comunidade de São Ludgero do Braço do Norte.

Padre Roer visitava anualmente uma ou duas vezes seus bons conterrâneos, quando então aí se demorava por algumas semanas. Na verdade, ele não era oficialmente seu pároco, pois a região do Braço do Norte pertencia à paróquia de Tubarão.

Esta, distante 7 horas de viagem a cavalo e onde era

---

*"Suas viagens apostólicas, a pé ou em lombo de cavalo, não eram sem perigos e risco de vida"*

---

pároco um Pe. Italiano, que não sabia se comunicar com os colonos no idioma alemão. Visitava-os também em caso extraordinário quando se tratava de levar o viático a um doente.

Só poucas semanas do ano podia Padre Roer passar em sua residência em Teresópolis, pois - assim testemunha o velho colono Heinrich Buss - "a maior parte de sua vida, nosso pároco passou na sela do cavalo". As comunidades a visitar eram muitas e distantes umas das outras. Além de Teresópolis, sede do Curato, atendia as comunidades de Vargem Grande, Santa Isabel, Loeffelscheid, Rio Salto, Morro Chato, Rio Taquaras, Rio Novo, Rio Scharf, São Bonifácio, Santa Maria, São Martinho, Vargem do Cedro e São Ludgero. Houve períodos em que atendeu também São Pedro de Alcântara e Angelina. A nova igreja de Teresópolis foi construída em grande parte com seus recursos, pois, quando tinha os livros paroquiais em ordem costumava ocupar-se com o tomo, fabricando toda sorte de bonitos objetos para a igreja. Quando o tempo o permitia, consertava também relógios.<sup>9</sup>

Conta-se que certa vez Padre Roer acabara de voltar de São Pedro de Alcântara (8 horas de viagem), quando soube que em Rio Novo o colono Feldhaus estava muito doente. Encilhou novamente seu cansado cavalo e partiu, apesar do mau tempo e do anoitecer. Após ¾ de horas o cavalo escorregou e caiu com o cavaleiro no rio Cubatão. A muito custo ambos conseguiram alcançar a margem e seguiram viagem.

As longas viagens apostólicas com tempo bom ou chuva, de dia ou de noite, abalaram a saúde do zeloso sacerdote. Tosse e reumatismo atormentavam-no continuamente. Na hora do sermão deixava o altar e se dirigia até o corredor onde, sentado, falava aos seus queridos fiéis. Seu corpo, gasto pelo trabalho, tornara-se tão alquebrado, que os homens muitas vezes precisavam ajudá-lo a montar no cavalo.

No ano de 1887, os sofrimentos e a doença da gota o prenderam por quase um ano em Braço do Norte. Morava em casa de Heinrich Hobold, que dele cuidava com todo o carinho. Do leito de sofrimento, Padre Roer encontrava ainda meios para exercer seu múnus de cura d'almas. No quarto presidia orações vespertinas e cultos aos sábados e domingos. Mesmo não podendo celebrar a missa, ministrava, no entanto, os sacramentos do batismo e da confissão.

Quando afinal pôde novamente celebrar na capela, sentiu ele claramente a continuação dos sofrimentos. Sobre isto escreve Steen ao Bispo de Münster: "Nosso bom pastor ficou idoso. Principalmente sua memória tem estado tão fraca, que não mais tem sido possível, ultimamente, ele dizer a missa. Assim, apesar da melhor boa vontade, ele não está mais em condições de nos

ajudar."<sup>10</sup> No dia 9 de novembro de 1887, Pe. Roer realizou os últimos batizados em Braço do Norte. Nesse precário estado de saúde enfrentou o caminho de volta, três dias de viagem, para Teresópolis. Partiu para não mais voltar. Ao longo do trajeto visitou ainda a capela do Capivari (São Bonifácio), onde batizou, no dia 23 de novembro, e visitou alguns doentes.

A seus rogos Bernhard Steen enviou uma carta ao bispo de Münster com o pedido de enviar um sacerdote para Braço do Norte. Ele, que assistira a tantos com os sacramentos, não queria partir sem antes garantir um substituto. Do conteúdo da carta foi publicado um extrato pelo vigário capitular Dr. Giese, em 29 de maio de 1889, nos seguintes termos:

"No início dos anos 60 emigrou um grande número de pessoas do bispado de Münster para Teresópolis no Brasil; eles encontraram aí no seu concidadão, o sr. Pároco Roer, de Münster, um zeloso cura d'almas. Depois de aproximadamente 12 anos, para obter melhores terras, mudaram-se adiante uma jornada de três dias no rio Braço do Norte na paróquia de Tubarão, cujo pároco não entendia seu idioma. Eles (os colonos) moram em comunidades duas a três horas distantes uma da outra, cada uma com uma escola e uma capela. Padre Roer sempre as visitou de tempos em tempos. Sua avançada idade o tem impossibilitado há um ano e meio de fazer essas penosas viagens. A seu pedido, a diretoria da capela de São Ludgero dirige-se ao nosso bispo com o pedido de que lhes envie um outro sacerdote. A carta chegou aqui no início de maio."<sup>11</sup>

Quando soube que um sacerdote de Münster estava a caminho para o Brasil, Padre Roer encaminhou seu afastamento das atividades do Curato de Teresópolis. Seus últimos batizados datam de 13 de setembro de 1888. Depois, com o consentimento de seus superiores eclesiásticos e com o dos paroquianos, retirou-se à Santa Casa de Porto Alegre onde se internou para passar os últimos anos. Faleceu no dia 8 de outubro de 1891 e está sepultado no cemitério São José em Porto

Alegre.

O jornal *Münsterischer Anzeiger* noticiou o falecimento do missionário nos seguintes termos: "Padre Roer deixou sua pátria para ir em socorro de seus conterrâneos alemães no "selvagem Brasil" (assim costumava o jornal denominar costumeiramente esta terra). Seguiu ele seu difícil chamado com autêntico zelo apostólico e com genuína oblação sacerdotal. Sem poupar esforços nem temer perigos, trabalhou por mais de 30 anos (sic) como cura d'almas junto aos alemães desamparados, numa região tão extensa que para percorrê-la eram necessários mais de 5 dias de viagem. O fato de os emigrantes alemães especialmente da Westfália, do Reno e do Mosela que se mudaram para o

---

*"Eles reconhecem os méritos do seu 'bom pastor Roer' e dele sempre falam com grande estima e amor"*

---

Brasil e se estabeleceram no Estado de Santa Catarina, nos vales do Cubatão, Capivari e Braço do Norte, tenham permanecido tão fiéis católicos, agradecem-no primeiro a Deus e o devem quase que unicamente ao incansável trabalho desse extraordinário sacerdote. Com imensa gratidão eles reconhecem os méritos do seu "bom pastor Roer" e dele sempre falam com grande estima e amor. Há aproximadamente dois anos precisou o cansado viajante e, por assim dizer, desgastado missionário retirar-se do combate apostólico. Gota e reumatismo o impossibilitaram até de celebrar a Santa Missa. Por isso retirou-se para Porto Alegre a fim de encontrar no hospital Nossa Senhora das Dores asilo para os últimos dias de sua vida. O que mais o consolava nos momentos de intensas dores era a alegria de saber que três padres, igualmente da diocese de Münster (os senhores Topp, Eising e Auling) haviam aceito dar continuidade à sua obra, que era necessário e urgente dilatar. Na noite de 2 para 3 de outubro, o incansável trabalhador da Vinha do Senhor foi acometido de um ataque de apoplexia. Cinco dias mais tarde veio a falecer, tendo sido assistido com os santos Sacramentos. Deus o tenha acolhido e lhe conceda o descanso eterno. De fato, segundo medidas humanas, ele ganhou uma merecida recompensa para o céu."<sup>12</sup>

Eis a razão do título deste artigo: "um santo sem milagres". Padre Roer não fez nada de sensacional. Não deixou nada escrito, além dos registros de batismo, casamentos e óbitos. Mas foi extraordinário na entrega de sua vida qual chama de uma vela, no atendimento aos colonos espalhados nas florestas, por estreitas e íngremes picadas. Trabalhou incansavelmente na construção das comunidades, a fim de que os colonos tivessem o mínimo de vida comunitária e convivência social. Mas sobretudo preocupou-se em assegurar-lhes o tesouro mais precioso, trazido da pátria distante: a fé. Padre Roer confirmou-os na fé. Com seu trabalho missionário, lançou sementes cujos frutos amadurecem até hoje nas florescentes e vivas comunidades dos Vales do Capivari e Braço do Norte.

O tempo não apagou da memória das sucessivas gerações a lembrança do zeloso pastor. A comunidade de Teresópolis ergueu-lhe, no cemitério ao lado da igreja, um monumento com a seguinte dedicatória: "Em memória do primeiro vigário de Teresópolis, Guilherme Roer, nascido em Warendorf na Westfália, em 1821,<sup>13</sup> e falecido no hospital de Porto Alegre aos 8 de outubro de 1891. Ele sacrificou-se na cura das almas de seus paroquianos".

\* O Autor é Professor no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

## NOTAS

<sup>1</sup> BESEN, Pe. José Artulino, *Monsenhor Francisco Xavier Topp. O Institucionalizador da Igreja Catarinense*, in "Encontros Teológicos", ano 5, n. 2, 1990, p. 27.

<sup>2</sup> A política imigratória do Governo Imperial desconsiderou que o interior de Santa Catarina já estava habitado por selvícolas.

<sup>3</sup> Cf. WILLEMS, Emílio, *Assimilação e populações marginais no Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940, p. 83.

<sup>4</sup> FOUQUET, Carlos, *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*, Instituto Hans Staden, São Paulo, 1974, p. 91.

<sup>5</sup> Até agora ainda não se encontrou nenhum documento que esclarecesse as razões que efetivamente levaram Padre Roer a vir para o Brasil e estabelecer-se em Teresópolis.

<sup>6</sup> *Münsterischer Anzeiger*, 01.12. 1891, n. 325.

<sup>7</sup> O Curriculum Vitae, com alguns poucos dados informativos, encontra-se no Arquivo Diocesano de Münster.

<sup>8</sup> Cf. KLEINSCHMIDT, Beda, *Das Auslandsdeutschum in übersee und die Katholische Missionsbewegung*. Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster in Westfalen, 1926, Heft 21/22, p. 193.

<sup>9</sup> Segundo um texto anônimo escrito aqui no Brasil e baseado na tradição oral, o pai do Padre Guilherme Roer teria sido relojoeiro e proprietário de uma ourivesaria. Esta tradição, que não concorre com os documentos da época, teve talvez origem no hobby do Padre Roer de consertar relógios nas horas de folga.

<sup>10</sup> Anônimo, *Wilhelm Roer* (1860-1889), p. 3

<sup>11</sup> *Kirchliche Amtsblatt für die Diözese Münster*, Ano XXIII, nr. 6, p. 42-43, in *Warendorfer Schriften*, Bd. 21-24, 1993/1994, p. 152.

<sup>12</sup> *Münsterischer Anzeiger*, 01.12. 1891, n. 325

<sup>13</sup> Como consta em documento da época, Padre Guilherme Roer nasceu em Münster, na Westfália, em 1822.

## Endereço do Autor:

*Endereço do Autor:*  
Rodovia Admar Gonzaga, 1905  
Jardim Verde Vale, Bloco E 1, 203  
88034-001 FLORIANÓPOLIS - SC.

# Catolicismo e Processo Nacionalizador em Santa Catarina

Rogério Luiz de Souza\*

**O** ano de 1930 marca o início de uma nova etapa na vida social brasileira. Estimulado por um discurso que enfatizava a força do poder unitivo, o desabrochar do novo tempo exigia uma política de atrelamento entre um Estado que necessitava contar com a legitimação do poder Eclesial para fazer valer suas propostas governamentistas, e uma Igreja, que canalizava seus esforços para a obtenção de favores junto ao novo regime.

Esta aliança de contornos amigáveis representaria a convicção de que só unidos num mesmo propósito e distintos na sua organização e competência, Igreja e Estado seriam capazes de criar uma nova ordem social harmônica, semelhante à constituição do homem.

*Entre estes dois poderes, pode, entretanto, surgir um conflito sobre o mesmo assunto dependente da jurisdição de um e de outro poder. Neste caso, necessário se faz a existência entre os dois de uma harmonia que se assemelha à constituição de homem, feita com a união da alma e corpo.*<sup>1</sup>

O Brasil da Nova Ordem precisava, para tanto, com o auxílio legitimador da Igreja, criar uma nova visão, carregada de imagens, valores e práticas que se opusessem à política liberal da Primeira República, confortadamente satisfeita com o nepotismo da política do "café com leite", com a postura laica anticlerical, com o operário estrangeiro, confinado a uma árdua jornada de trabalho, e com os incentivos do capital estrangeiro imperialista aos setores agro-industriais.

Essa situação, porém, tornava-se cada vez mais insustentável. O governo de Washington Luís retratava a ingerência da política liberal. A crise econômica internacional de 1929, a deterioração do mercado externo do café, a insolúvel questão do operariado e os desmandos das oligarquias estaduais introduziam um imaginário de instabilidade e de incertezas, tudo isto traduzido na insatisfação das idéias democráticas do capitalismo liberal, que "inaugurou uma sociedade indomesticável"<sup>2</sup>, fomentou o individualismo e esvaziou de sentido a

autoridade político-religiosa. O Liberalismo, por isso mesmo, parecia o presságio agourento das primaveras brasileiras. Uma espécie de doença que contaminava o todo social.

*Não há como negar que a crise reinante em nossa pátria será de dolorosas conseqüências no futuro. Crise para a vida ou para morte. Para a vida se todo o nosso progresso social for baseado na Religião, para a morte se não o for.*

*(...) Que será de ti, coitado e querido povo do Brasil, se, além de tudo te roubam também a tua fé e ficas sem Deus? Sem Deus na família, sem Deus na Escola, sem Deus no Governo?*<sup>3</sup>

Para combater este derrotismo, a Igreja começava a protagonizar uma nova sociedade, alicerçada na transformação de um cenário corrompido por um liberalismo omisso nas classes mais intelectualizadas e por um comunismo ascendente nas classes operárias.<sup>4</sup>

Partindo daí, pode-se dizer, então, que, depois do período histórico denominado "República Velha", onde as idéias do liberalismo anticlerical pretendiam acabar com a relação existente entre Estado e Igreja<sup>5</sup>, inicia-se na década de 30, de maneira mais explícita, com a implantação da nova ordem político-social, um relacionamento estreito entre estas duas Instituições.

## 1. CATOLICISMO E IDEAL NACIONAL

A revolução de 30, que colocara Getúlio Vargas no poder e lá o deixaria por mais 15 anos, foi a ratificação de um momento emergencial, exigido pelo todo social e aprovado pelo discurso religioso que legitimava o governo revolucionário na sua empreitada rumo à idealização de uma Nação moderna, patriótica e fiel ao ordenamento religioso.

Não há que se duvidar, porém, que esse momento foi construído paulatinamente nas relações sociais, onde grupos e instituições criavam situações de enfrentamento, face aos problemas oriundos da chamada "República Velha".

*"A Igreja dialoga diretamente com a esfera pública, mostrando seu interesse na participação e na construção da nova sociedade"*

No desenlace que culminou no estreitamento das relações entre Igreja e Estado e que, segundo Oscar F. Lustosa, esteve "todo ele calcado nos esquemas de um pragmatismo de resultados que interessavam a ambos os lados"<sup>6</sup>, percebeu-se que esta mesma Igreja,

deixada de lado pela Constituição de 1891, assumiu um papel relevante na condução e remodelação das novas práticas sociais.

Precisava-se, pois, estimular um espírito de colaboração e de confiança, onde a sociedade pudesse incorporar e se ajustar às representações discursivas, veiculadas para a manutenção da nova ordem político-religiosa.

Esta fase de "Reconciliação", já esboçada na década de 1920, significaria a defesa de uma República Católica que centrava sua demanda em questões como o casamento e a educação religiosa, a assistência de capelães militares junto às forças armadas, o operário católico, os sentimentos anticristãos do liberalismo e do comunismo e o crescimento das seitas protestantes.<sup>7</sup>

Não importava agora se a institucionalização da República em 1889 teria trazido algum mal-estar à comunidade eclesial. Ela tinha consciência do quanto a República lhe havia ampliado o horizonte de atuação sócio-religiosa. Além disso, ficava claro que o próprio Estado laico buscava apoio na hierarquia católica, levando o próprio ministro Osvaldo Aranha a concluir:

*Quando chegamos do Sul, nós pendíamos para a esquerda. Mas, depois que vimos os movimentos religiosos populares, em honra a Nossa Senhora Aparecida e ao Cristo Redentor, percebemos que não podíamos ir contra o sentimento do povo!*<sup>8</sup>

Mas, para que isto se tornasse uma realidade aceitável, era preciso extrapolar a esfera da formalidade burocrática. A Igreja teria que buscar apoio na elite intelectual e nos grupos dominantes. Esse espaço representaria o centro de discussão político-científica, permitindo um acesso mais fácil às decisões da esfera pública governamental e abalizando uma discursividade que deveria ser divulgada e assumida pelos membros da sociedade.<sup>9</sup>

A partir desse espaço é que se encontra uma Igreja voltada para a solução dos problemas sociais e

articulada com uma elite, a fim de fazer valer as propostas cristãs nos diversos segmentos sociais.

A estratégia era estimular a participação dos católicos em todos os níveis societários, fomentando a arregimentação dos não envolvidos com o processo, em círculos operários e de estudos, associações cristãs e congregações de moços e de moças, uma verdadeira "Ação Católica", preconizada pelas encíclicas papais de Pio XI e redimensionada à realidade brasileira pelos discursos messiânicos da alta hierarquia católica<sup>10</sup> e da intelectualidade.<sup>11</sup>

Esta prática que chegava a mobilizar um grande número de católicos, era um eloqüente espetáculo da força e do poder eclesial. Era a confirmação do imaginário unificador que cercava os católicos. Na compreensão de Raoul Girardet, este imaginário unitivo seria "a vontade de unir e fundir, a visão homogênea e coerente, a condenação em nome do bem comum do recolhimento do indivíduo em si mesmo e em seus interesses, o temor dos cismas e das dissidências, a busca de uma fé comum e a exaltação das grandes efusões coletivas."<sup>12</sup>

Exemplos que bem caracterizam esta impressionante força arregimentadora foram a inauguração da imagem do Cristo Redentor no Corcovado e a vinda da imagem de Nossa Senhora Aparecida ao Rio de Janeiro, quando proclamada Padroeira do Brasil. Esses fenômenos, além de mostrarem a influência da Igreja nas massas populares, também eram formas não tão desprezíveis de pressão política.<sup>13</sup>

Além disso, a Igreja dialoga diretamente com a esfera pública, mostrando seu interesse na participação e na construção da nova sociedade. Este interesse em matéria religiosa sobre a ordem social estaria ligado à instrução e à formação da sociedade no que se poderia chamar de "recristianização", ou seja, a revalorização dos preceitos cristãos numa nova ordem social cristã. É neste sentido que se poderá falar em cristianização do mundo operário, na construção de uma nova ordem moral e na cristianização das instâncias políticas (executivo, judiciário e legislativo).

Esta nova ordem social cristã representaria o próprio suporte da civilização brasileira, onde era possível almejar uma vida melhor e feliz. A força representativo-simbólica desta realidade fez com que a Igreja projetasse esperanças, sonhos e destinos comuns sobre o futuro.

Por isso mesmo, a necessidade de se reivindicar um ensino religioso nas escolas públicas era a possibilidade de se criar uma identidade cristã que, de certa maneira, já estava presente nas famílias, mas, que por razões de uma política liberal secularizada, abria espaço para o indiferentismo moral e religioso.

Era o momento, já que o próprio Estado se legitimava na Igreja, de ter os olhos voltados não somente para uma elite pensante, mas também, para a formação e instrução dos jovens, dos operários, das famílias, dos

militares etc. Era o momento de um novo ardor missionário em que se lançavam as bases dos diversos movimentos católicos, dentre eles o da "Ação Católica", que se revelaria como instrumento extraordinário de uma catequese adulta.<sup>14</sup>

Mas, para que a Igreja atingisse o seu intuito com eficácia, era imprescindível a mudança de alguns dispositivos constitucionais. Sendo assim, a Igreja deveria voltar-se para a campanha eleitoral que visava à eleição de católicos para a constituinte de 1933-34, quando se elaboraria uma Constituição (1934) referendada nos postulados católicos. "O Brasil precisava de Deus em suas leis e em seus homens"<sup>15</sup>, dizia o Cardeal Leme.

O próprio Regime, satisfeito com as propostas de unidade e serviço patriótico, apoiava-se na força político-social da Igreja no intuito de ganhar prestígio diante da população e de concentrar este imaginário em seu poder, haja vista que "o imaginário social é uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder."<sup>16</sup>

A Comunidade Eclesial vivia um clima de triunfalismo, carregado de esperanças que impulsionavam o seu agir. Esse tom salvacionista, até mesmo levou alguns católicos a aderirem ao movimento de Ação Integralista Brasileiro e a se empolgarem pelos discursos de libertação nacional de Plínio Salgado. Porém, tal relação não chegou a perturbar o apoio por parte da hierarquia católica ao autoritarismo impetrado por Getúlio Vargas em 1937. A respeito desta situação de euforia, diz O. F. Lustosa: "A Igreja até manifestava tendências e tentações de querer o regime enquadrado, na letra e na prática, em uma cristandade sui generis."<sup>17</sup>

Esta tentação de enquadrar o regime, não entrou em oposição e nem prejudicou o relacionamento com o Estado. Mesmo com a declaração da nova Carta Constitucional, outorgada por Getúlio em 10 de novembro de 1937, estabelecendo um regime autoritário e silenciando discretamente alguns pontos religiosos consagrados pela Constituição de 1934, a

Igreja confirmou sua adesão ao Estado Novo e, mais do que nunca, legitimou através dos seus ritos e símbolos religiosos a manutenção deste regime.

Isso se deu, também, porque o episcopado brasileiro viu no regime autoritário de Getúlio Vargas a defesa da civilização cristã e o fim

das ameaças comunistas, chegando a se solidarizar com as práticas repressivas do Estado Novo.

(...) No Brasil Colônia, no Brasil Império, no Brasil República, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque, como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade.

Apesar de separados os campos de atuação do poder político e do poder espiritual, nunca entre eles houve choques de maior importância; respeitam-se e auxiliam-se. O Estado, deixando à Igreja ampla liberdade de pregação, assegura-lhe ambiente propício a expandir-se e a ampliar o seu domínio sobre as almas; os sacerdotes e missionários colaboram com o Estado, timbrando em ser bons cidadãos, obedientes à lei civil, compreendendo que sem ela - sem ordem e sem disciplina, portanto - os costumes se corrompem, o sentido da dignidade humana se apaga e toda a vida espiritual se estanca.

Fazemos votos para que estas relações se estreitem (entre o Governo e a Igreja) certos de que a Pátria comum será a grande beneficiária. Trabalharemos sempre para defender a unidade da nossa fé religiosa, a santidade das gloriosas tradições da família brasileira, e o mais alto respeito e acatamento ao princípio de autoridade.<sup>18</sup>

É a partir deste momento que se verificará a aproximação destas duas Instituições, que usarão, com mais frequência, de imagens e de discursos comuns um ao outro, com a intenção de gerar uma unidade interpretativa e reprodutiva de valores.

A nascente Civilização brasileira teria que seguir seus próprios passos. Aquele que se opusesse, tornava-se, conseqüentemente, inimigo da nova ordem social, como era o caso do protestante americano imperialista, do comunista ateu, do estrangeiro convencido, do católico supersticioso, do desordeiro, do bêbado, do jovem ocioso e de outras heterogeneidades.

Estes inimigos representavam a enfermidade parasitária; a causa da desintegração do corpo social; o sanguessuga da má formação religiosa da população; a alteridade anômala que denunciaria uma conspiração maléfica e criaria um estado de heterogeneidade e in-submissão.

Ó católicos brasileiros, escolhei! Quereis a felicidade vossa e da pátria, então agi enfim e combatei esses inimigos. Sede católicos de ação! Se, ao invés, preferirdes continuar de braços cruzados ou até capitular, vede bem as conseqüências.

Mais uma vez: Não deixeis o invasor tomar conta do terreno!

---

*"A Igreja confirmou sua adesão ao Estado Novo e, mais do que nunca, legitimou através dos seus ritos e símbolos religiosos a manutenção deste regime"*

---

*Numa palavra, cumpramos o nosso dever de verdadeiros católicos práticos e cidadãos conscientes bem orientados.*<sup>19</sup>

O verdadeiro católico deveria combater os que fugissem à ordem, pois eram, estes inimigos, culpados pelos dias difíceis da sociedade brasileira. A própria Igreja teria a função, quando possível, de reintegrar estes sujeitos desordeiros, imprimindo-lhes o desejo pelo trabalho e pela ordem moral cristã.

Enfim, o brasileiro se via em marcha, projetando um futuro previsível que só dependeria dele. Não haveria o que imitar, só criar. Era uma raça única, em construção. Daí a importância estratégica, também, de medidas eugênicas e profiláticas, embasadas no discurso moral cristão e nos estudos médico-científicos da época.<sup>20</sup>

O ser brasileiro deveria se confundir com o ser católico. O trabalho, a honestidade, a família e a fé, eram as bases do edifício social brasileiro que começava a ser construído e gestado nas visões de futuro do discurso católico.

A ordem moral cristã seria responsável pelo autodomínio das paixões humanas e de um tipo-ideal identificado com as estruturas sociais. Um sujeito homogeneizado, fabricado pelo discurso, que ultrapassaria as letras e que se transformaria em realidade exterior.

Esse período de aliança entre Igreja e Estado possibilitou uma fase, sem dúvida nenhuma, de projeção das Instituições. Mas a Igreja Católica, com certeza, com seu colaboracionismo e com sua influência sobre determinados grupos sociais e sobre os setores da própria política dominante, foi capaz de conduzir o povo brasileiro nos caminhos da nova ordem social.

As figuras do Cardeal Leme e de Dom João Becker, além de representarem a postura nacionalista católica, delinearam o pensamento nacional da época, disseminando, através de seus discursos, as atitudes que deveriam ser internalizadas pelos sujeitos sociais.

A alta hierarquia católica, comprometida com a política varguista, rendeu-se à necessidade de criar uma unidade de pensamento em torno da nova ordem político-social da Nação, a fim de estabelecer entre o episcopado brasileiro um referencial coerente de discursos e de práticas sociais.

## 2. A POSTURA NACIONALISTA DA IGREJA EM SANTA CATARINA

Em Santa Catarina, o Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira<sup>21</sup>, seguindo as recomendações, redefiniu estas práticas em sua Arquidiocese com o intuito de manifestar sua ligação com o episcopado brasileiro e de fomentar uma política nacionalista vinculada ao poder local.

A base discursiva de D. Joaquim orientava-se nas afirmações do magistério papal e da própria elite

católica brasileira, representada pelos pensadores do Centro D. Vital. Esta matriz intelectual ecoou pelo seu pensamento, marcando fortemente sua ação político-social e estimulando o seu ideal recristianizador da sociedade.

D. Joaquim tornou-se o arauto qualificado da tendência nacionalizadora no Estado, operando uma poderosa rede de relações e ditando práticas e costumes que deveriam ser seguidos. Além disso, encontrava-se neste meio político-intelectual, reafirmando uma postura modernizadora e veiculando um projeto de edificação de uma unidade moral cristã.

Portanto, o organismo político-social teria que funcionar adequadamente sem as improvisações e as anomalias sociais que geravam a diferenciação. As colônias estrangeiras, por exemplo, representavam estes estereótipos destrutivos. Teriam que ser reintegradas à nação.

*Os nacionais dos países com os quais estamos em guerra, que aqui vieram e construíram os seus lares de forma regular e honesta, nada devem recear, enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país.*

*De modo bem diverso serão tratados todos os que, traindo os compromissos assumidos e ludibriando o nosso acolhimento generoso, auxiliarem de alguma forma os inimigos, com eles mantiverem entendimentos, espionando ou fazendo sabotagem. A esses aplicaremos com rigor as leis de guerra.*<sup>22</sup>

Porém, a Igreja de Santa Catarina, uma das responsáveis pela execução deste projeto nacional, via-se numa situação aparentemente contraditória. O cultivo das tradições germânicas e italianas por parte de alguns padres de origem estrangeira denunciava uma situação desnacionalizante. Mesmo assim, a ação neutralizadora e determinadamente nacionalizadora da alta hierarquia Católica catarinense não foi abalada. D. Joaquim não hesitaria em reconduzir seus padres e suas paróquias a uma atitude de identificação e de respeito à Pátria brasileira.

A maioria do clero catarinense era de origem estrangeira (italianos e alemães), que chegaram a partir de 1857 com os primeiros imigrantes. Só em 1908, dos 84 padres em Santa Catarina, 78 eram estrangeiros.<sup>23</sup>

Tal quadro denunciava uma certa “desnacionalização” da Igreja, como se verifica nos ofícios de Instrução Pública da Secretaria Geral dos Negócios do Estado:

*Levo ao vosso conhecimento o incluso ofício de hoje, do chefe escolar de Biguaçu, relativamente ao incorreto procedimento do Padre Hubert Hothers, que promove o isolamento*

das escolas públicas do município, oferecendo embaraços à matrícula<sup>24</sup>

*Em Tijucas o Padre Slater faz propaganda contra a matrícula no grupo Escolar.*<sup>25</sup>

No artigo "A Moral Clerical", do jornal "A Época", aceita-se D. Joaquim como brasileiro, mas abnegado cumpridor das vontades dos padres germânicos:

*Apesar de ser brasileiro, o ilustrado chefe da Igreja do nosso Estado, apesar de suas idéias liberais, e do seu patriotismo, que sinceramente reconhecemos, a arregimentação das bem organizadas hostes do clero austro-alemão tem sabido fazer com que V. Excia., não possa ver, muito além de certos limites, o mal que nos aflige.*<sup>26</sup>

Já no livro "A Arquidiocese de Florianópolis (1908-1983)", o historiador José Artulino Besen esboça o caráter nacionalista de D. Joaquim e suas desavenças com os padres estrangeiros.

*D. Joaquim não permitia que nada escapasse ao seu controle. Podia-se recordar sua exigência de respeito ao patrimônio eclesiástico, de respeito à língua vernácula, de nacionalismo alegre e cooperador, que tantas confusões lhe arrumara com os padres alemães e italianos, com os imigrantes e seus descendentes, que às vezes se esqueciam de que estavam no Brasil e que deveriam ser brasileiros, começando pela língua e pelo aprendizado do hino nacional. D. Joaquim assumira plenamente a nacionalização, necessária sim, mas conduzida por meios talvez nem sempre humanamente compreensíveis.*<sup>27</sup>

Essa situação, porém, normaliza-se a partir do momento em que se restabelece o clima de cooperação Igreja-Estado, com a implantação da nova ordem político-social e com a iniciativa de D. Joaquim de proibir aos padres estrangeiros cargos paroquiais nas colônias, como foi o caso da nomeação, em primeiro de junho de 1938, do neo-sacerdote Rodolfo Pereira Machado, nativo da Ilha, em substituição ao já doente Pe. Nicolau Schaan da Paróquia de São Pedro de Alcântara, segundo o que relata o livro Tombo dessa Paróquia. Estas proibições também são verificadas nas paróquias litorâneas, como nos confirma o Padre Huberto Waterkemper. Além disso, Dom Joaquim não hesitará "em depor todos os diretores estrangeiros de escolas e colégios religiosos."<sup>28</sup>

Nesta luta incansável pelo ideal nacionalista, D. Joaquim usará de todos os expedientes ao seu alcance, exigindo do seu clero estrangeiro, principalmente, dos velhos vigários alemães e italianos a dedicação pelo emprego da língua vernácula em todas as ocasiões da vida paroquial.

Ninguém poderia ficar de fora nesta empreitada. Todos deveriam assumir integralmente o ideal de brasilidade, sem se opor ou resistir. A Igreja, formadora do caráter e sustentáculo de um Povo-Uno, teria a função primeira de alargar os sentimentos nacionais e de criar uma identidade homogênea. Ela deveria colaborar com a ordem, vendo-se como responsável direta pela execução destas metas. O fiel ou o padre que escapasse a tal ordenamento estaria sujeito às punições do Arcebispo e do Estado.

Desse modo D. Joaquim advertia seus súditos, recomendando-lhes renúncia quanto ao uso de língua estrangeira e, mesmo, aos estrangeirismos:

*Atenta a gravidade do momento, e confiando no espírito esclarecido dos nossos Padres e fiéis, abstenho-me de recomendar-lhes, por que intuitiva, a máxima prudência no emprego, não só nos atos de culto, mas por qualquer outra forma - sim, por qualquer outra forma - de língua que não a nacional.*

*Por que e para que? Pois não estamos no Brasil; e o desempenho de um cargo de confiança não obriga a ser, ou pelo menos a querer, ser brasileiro?*

*Sempre e, muito principalmente, nas circunstâncias que o nosso país atravessa e com que queremos e devemos ser solidários.*

*Porque, repito, não é um absurdo, senão a coisa mais natural que se poderia exigir de nós.*

*Assim que os nossos caros sacerdotes, bem como os fiéis, ainda neste ponto, serão e procurarão ser sempre bons brasileiros. E quanto possível (e como também é natural) dos melhores.*

*Sobretudo, insistimos, os que ocupassem postos de confiança. E para não obrigar a autoridade a tomar medidas a que se poderia ver forçada pelas circunstâncias, embora contra gosto.*

*Nada, pois, de língua estrangeira, em parte alguma. É o meio; é talvez o único meio*

---

*"A Igreja, formadora do caráter e sustentáculo de um Povo-Uno, teria a função primeira de alargar os sentimentos nacionais e de criar uma identidade homogênea"*

---

*de podermos salvar as almas. E também nada de estrangeirismos, desde que sejam os legítimos e muito aplicáveis interesses do Brasil.*

*O que tem, de novo, como muito recomendado, quem se subscreve, em nome e por ordem expressa de Sua Excia. Revma.*<sup>29</sup>

Nos ambientes de formação eclesial, como no Seminário de Azambuja, foi interrompido o ensino de língua alemã e se proibiram quaisquer manifestações de apoio às idéias estranhas à ordem.<sup>30</sup>

Daí a importância de uma formação sacerdotal adequada aos princípios de uma nação Católica, pois só a Religião era a força sobrenatural que sabia vencer todas as crises. Por isso, a necessidade de formar um clero próprio, esclarecido e voltado para os interesses brasileiros.

*Ora, a religião será para o povo o que lhe for o sacerdote, qualitativa e numericamente. O sacerdócio é, pois, verdadeiramente o magno problema, o problema mais urgente e viltoso da Nação Brasileira.*<sup>31</sup>

Ademais, a ajuda pecuniária em prol da formação dos futuros padres era vista como ato de patriotismo, pelo qual se poderia "contribuir para a verdadeira felicidade dos brasileiros e a grandeza da Terra da Santa Cruz."<sup>32</sup> As próprias ordenações sacerdotais deveriam ser o reflexo desta busca pela unidade política e social. Assim, das ordenações que se seguiram na Arquidiocese, vários foram os padres que tiveram por Paraninfo o Interventor do Estado, Sr. Nereu Ramos, por exemplo: Gregório Warmeling, Raulino Reitz, Carlos Emmendoerfer e Ludgero Locks, ordenados juntos em setembro de 1943.

As visitas pastorais do Arcebispo também refletiam a necessidade de uma constante vigilância. Como um mecanismo de averiguação, podia diagnosticar a quantas andava o processo de adaptação das colônias estrangeiras. Elas eram de tal importância que os próprios governadores ou seus representantes faziam-se presentes no regresso das viagens.

*Tendo terminado a visita pastoral às paróquias do sul do Estado, a 05 do mês findo, regressou a esta Capital o Exmo. Rev. Sr. Arcebispo Metropolitano, que foi recebido festivamente pelo povo e associações católicas. O Exmo. Sr. Governador do Estado fez-se presente ao desembarque.*<sup>33</sup>

Era lugar-comum esperar o Arcebispo com a Bandeira Nacional em punho, dando vivas à Igreja e à Nação. Contudo, nas visitas pastorais aos redutos estrangeiros, muitos foram os casos que lhe causaram estranheza, indignação e desgosto, principalmente quando o recebiam com a bandeira do país de origem

ou quando lhe prestavam uma homenagem em língua estrangeira.

Esse posicionamento, averso ao estrangeiro, remontava aos idos de 1914, quando assumira a cátedra episcopal de Florianópolis.

*Sobre Ascurra, aquilo é um reduto de poucas esperanças. Sacuda V. Revma. o pó das sandálias e deixe-os definharem em sua pertinácia.*

*Esse povo não é afeto de preceitos de nacionalidade.*<sup>34</sup>

A própria Ação Social Católica, oriunda de um novo modelo eclesial, chamará o apostolado leigo para a ação concreta de brasilidade. As associações e a ela ligada viriam em auxílio à hierarquia. Estas mesmas associações promoveriam a ocupação do espaço público através de suas expressivas ritualizações e se empenhariam na luta contra a legislação deficiente, as doutrinas anti-católicas e antimorais, a família desregrada, a sociedade sem princípios.

*A Ação Social Católica é o apostolado dos leigos, e vem em auxílio do apostolado dos Padres e dos Bispos.*

*As associações católicas não são feitas só para sessões e assembléias.*

*Ação Católica quer dizer: feitos, trabalhos, vida, propaganda, ensino, etc..*

*E os apóstolos, decididos a tudo para o bem da Igreja e a salvação das almas, empenham-se no labor, lutam titanicamente contra os oceanos mundanos: do respeito humano, da hipocrisia, da legislação deficiente e contrária às doutrinas de Cristo.*<sup>35</sup>

Portanto, a ação nacionalizadora da Igreja contava com uma estrutura que atingia todos os níveis da sociedade catarinense. A influência e a interferência deveria se dar nos espaços públicos, domésticos e, sobretudo, nos espaços privados onde se processaria e se criaria o ordenamento social.

*O cristão não pode contentar-se com uma vida de simples contemplação, ou catolicismo de sacristia, mas, com os Apóstolos, e sob a direção dos Apóstolos, empenhar-se numa religião prática e social.*<sup>36</sup>

Assim, como num organismo vivo, cada membro teria sua função específica. Por isso, deveria sempre haver a coordenação inalienável e superior da autoridade política e religiosa, sem a qual, mais cedo ou mais tarde, se resvalaria numa desordem paralisadora.

Além do quê, para o próprio Arcebispo Metropolitano, a Igreja e seus sacerdotes seriam os grandes "artífices da moral, da justiça e da ordem social."<sup>37</sup> Era na Igreja que se encontraria a alma nacional e se acomodaria a religiosidade do povo brasileiro. O altar era

sinal da ordem social e a segurança dos princípios de brasilidade.

*Não é demais afirmar, que no claro escuro inicial da nossa civilização o clero fez sentir as virtudes do Altar, como perpétuo defensor da moral de nossos dias.*

*O Altar sempre foi, é e será a eterna segurança das instituições da nossa Pátria.*<sup>38</sup>

Para o Arcebispo Dom Joaquim não era possível aceitar-se uma realidade antagônica aos princípios de brasilidade, formadora da alteridade anômala, como aquela verificada nas colônias estrangeiras que representavam a impossibilidade da edificação de uma nova ordem.

O aparelho religioso exerceria a função moralizadora e orientadora das práticas sociais, reafirmando seu caráter civilizatório, ao veicular e projetar uma sociedade embasada no ideal nacional. Galgava-se, enfim, uma situação onde todos pudessem se reconhecer como cidadãos brasileiros, enquadrados numa mesma identidade.

\* Professor Assistente do Depto. de História da UFSC e Doutorando em História pela UFPR.

## NOTAS

<sup>1</sup> A Igreja e o Estado. *O Apóstolo*. Florianópolis, 06 de março de 1932.

<sup>2</sup> Cf. LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática*. Os limites do Totalitarismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>3</sup> Profissão de Fé Religiosa. *O Apóstolo*. Florianópolis, 20 de novembro de 1932.

<sup>4</sup> Cf. PORTELLI, Hugues. *Os Socialismos no Discurso Social Católico*. São Paulo: Paulinas, 1990.

<sup>5</sup> Os Liberais criticavam o pensamento ultramontano. No entanto, a constituição de 1891 acabou fazendo algumas concessões à Igreja. No próprio governo de Arthur Bernardes tornava-se explícita a ligação Igreja-Estado. O Presidente enfatizava a importância da Igreja como mantenedora da ordem e realizadora dos interesses sociais. Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Terra de Santa Cruz. In: *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

<sup>6</sup> LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, p. 37, 1991.

<sup>7</sup> Cf. AZZI, Riolando. *A Neocristandade*: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

<sup>8</sup> ROSÁRIO, Maria R. S.. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, p. 289, 1962.

<sup>9</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>10</sup> Dois nomes importantes desta fase nacionalista foram o Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker, e o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme. Sobre D. João Becker vale a pena lembrar a tese de ISAILA, Artur Cesar. *O Cajado da Ordem*: Catolicismo e Projeto Político no Rio Grande do Sul - D. João Becker e o autoritarismo. USP, São Paulo, 1992 (Tese de Doutorado). Sobre a atuação política do Cardeal Leme, conhece-se a tese de CARVALHO Filho, Sílvio de Almeida. *A Ovelha Perdida e o Bom Pastor*: o Reverso das parábolas (Igreja, Estado e camadas populares na cidade do Rio de Janeiro: 1921-1945). Universidade Federal Fluminense, 1984. (Dissertação de mestrado).

<sup>11</sup> Os grandes expoentes desta fase da intelectualidade católica foram o Pe. Leonel Franca, Jackson de Figueiredo e Alceu de Amoroso Lima.

<sup>12</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, p. 145, 1985.

<sup>13</sup> Cf. BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, pp. 294-296, 1986, v. 11.

<sup>14</sup> Cf. MARIAE, Servus (Raimundo Caramuru de Barros). *Para Entender a Igreja no Brasil*: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930 - 1968). Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>15</sup> *O Apóstolo*. Florianópolis, 05 de junho de 1932.

<sup>16</sup> BRONISLAW, Bazcko. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, p. 310, 1985.

<sup>17</sup> LUSTOSA, O. F. Op. cit., p. 54.

<sup>18</sup> Discurso proferido por Getúlio Vargas no salão da Biblioteca do Palácio do Itamarati no Rio de Janeiro por ocasião da abertura do I Concílio Plenário Nacional. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de agosto de 1939.

<sup>19</sup> Cúmplices. *O Apóstolo*. Florianópolis, outubro de 1930.

<sup>20</sup> A partir da perspectiva de Foucault, entende-se que a constituição do sujeito na trama histórica se dá através de uma relação de poder, disseminada nos discursos e na constituição dos saberes.

<sup>21</sup> Bispo em Florianópolis desde 1914, Arcebispo desde 1927

<sup>22</sup> Palavra do Dr. Getúlio Vargas. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de outubro de 1942.

<sup>23</sup> BESEN, José Artulino. *A Arquidiocese de Florianópolis*. Florianópolis: s. ed., 1983, p. 47.

<sup>24</sup> SANTA CATARINA, *Secretaria dos Negócios do Estado*: ofícios de Instrução Pública, Florianópolis: IOESC, número 1534, 1918.

<sup>25</sup> idem.

<sup>26</sup> *A Época*. Florianópolis, 02 de dezembro de 1916.

<sup>27</sup> BESEN, José A. op. cit., p. 57.

<sup>28</sup> idem

<sup>29</sup> BAUER, Mons. Harry (Vigário Geral). Recomendações de D. Joaquim aos sacerdotes e fiéis. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de abril de 1942.

<sup>30</sup> Cf. BESEN, José Artulino. *Azambuja*: 100 anos. Brusque: s. ed., pp. 113 e 114, 1977.

<sup>31</sup> O sacerdote. *O Apóstolo*. Florianópolis, agosto de 1930.

<sup>32</sup> CRUZ, Altamiro Pereira. Vocações Sacerdotais. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de junho de 1936.

<sup>33</sup> *O Apóstolo*. Florianópolis, janeiro de 1930.

<sup>34</sup> Carta ao recém-nomeado pároco de Ascurra (colônia italiana), citado por DALLABRIDA, N. *A Sombra do Campanário*. UFSC, p. 157, 1993. (Dissertação de Mestrado)

<sup>35</sup> As Congregações Marianas e a Ação Católica. *O Apóstolo*. Florianópolis, maio de 1931

<sup>36</sup> D. Joaquim: Sermão de Pentecostes (1933). In: BESEN, José A.. Op. cit., p. 57.

<sup>37</sup> CORREIA, Ana M. M. Coelho. *A Expansão da Igreja em Santa Catarina*: a reação anti-clerical e a questão do clero nacional (1892 - 1920). UFSC, p. 58, 1988. (Dissertação de Mestrado)

<sup>38</sup> O Homem e a Luta. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de setembro de 1933.

## Endereço do Autor:

Rua Ver. Arthur Mariano, 1108,  
CEP 88.106-500 SÃO JOSÉ, SC

E-mail: klaus@cfh.ufsc.br

# ITESC

## 25 anos de Caminhada Teológica\*

Pe. Vitor Galdino Feller \*\*

**E**sta análise da caminhada teológica jubilar do ITESC estará marcada por uma forte dose de subjetividade. Falarei a partir de meu ponto de vista. Outro professor ou outro ex-aluno ou algum aluno atual faria, certamente, uma leitura diferente, talvez somente aproximada à minha. Não

segui o exemplo de Lucas: não consultei arquivos, não contactei testemunhas oculares, não gravei depoimentos. Guiei-me apenas por intuições pressuroras e premurosas que dominaram-me a mente em uma das caminhadas pela Beira Mar Norte. Sofri-as, depois, nas complicações sempre omnipresentes com meu computador. Fiz opção por um retrato íntimo e, portanto, rude e, talvez, áspero e grosseiro. Se quisesse dar-lhe um polimento, ganharia um brilho fácil, mas talvez falso!

Falo de maneira apaixonada, pelo que é permitido ter de paixão em momento tão solene e em assunto sobre o qual se exigiria racionalidade e cientificidade. Afinal, o meu ministério sacerdotal, tirando os primeiros quatro anos, foram voltados para o ITESC: quatro anos estudando em Roma, com vistas para o ITESC; onze anos ensinando no ITESC.

Fui aluno da primeira geração do ITESC, aqui matriculando-me no início de 1976, fazendo parte, portanto, da quarta turma, convivendo ainda com os da primeira turma. Deixei o ITESC em fins de 1978, para voltar em meados de 1987.

Sou professor da segunda geração, isto é, faço parte de um grupo de alunos que se tornaram, depois, professores. Leciono no ITESC há onze anos, desde o segundo semestre de 1987. É bom lembrar que já se abriram as portas para professores da terceira geração, aqueles que foram alunos de alunos do ITESC. Isto é um sinal da vitalidade e do dinamismo interior que rege a história de nosso Instituto.

Ter sido aluno da primeira geração e ser, agora, professor da segunda geração me facilita bastante nesta análise da caminhada teológica deste jubileu, pois, dessa maneira, tenho um ponto de partida, um termo de comparação. Lembro-me, não de tudo, mas de muitas coisas que foram ensinadas e aprendidas em termos de ciência teológica.

Nos inícios do ITESC, tudo era muito precário em termos de teologia. Os professores eram poucos. Os livros de teologia produzidos no Brasil eram poucos. As exigências e desafios eram menos prementes que hoje. Havia muitas matérias a descoberto, sem professores qualificados. Muita rotatividade de professores para uma mesma matéria. Muito empirismo nas matérias de pastoral. A teologia do Vaticano II estava ainda em elaboração ou, pelo menos, em fase de tradução e de lançamento entre nós. Pelo que lembro, eram seguras as áreas da dogmática, moral e bíblia. Ainda assim, com pouca bibliografia.

Sem modéstia, constato que hoje ensino muito mais, em termos de conteúdo e de abertura teológica, do que me foi ensinado há 25 anos. Falo das matérias que ensino. Mas creio que se poderia dizer o mesmo de muitas outras. Hoje, pelo que vejo escrito nos quadros-verdes, pelos textos que vejo nas mãos dos alunos, pela bibliografia que os colegas apresentam, pela produção dos colegas professores..., o ITESC oferece, após 25 anos, muito mais do que nos seus inícios. Contudo, a aprendizagem do que se ensina, a captação do que é oferecido, é claro, depende do interesse dos alunos. Mas sobre isso, a conversa seria outra: os ideais e os valores do mundo jovem também mudaram!

### ENQUADRATURA HISTÓRICA

O ITESC viveu nestes 25 anos, a meu ver, três décadas bastante diferentes entre si:

A década de **setenta** foi a era da sementeira: as carências eram supridas por novidades, otimismo, perplexidades; o Vaticano II e Medellín eram otimismo puro. Vivi-a com prazer, como aluno, jovem, vendo a Igreja produzir-se, qual donzela, bela e sorridente, em novas núpcias com o mundo, qual profetisa a despertar e amparar os anseios de libertação do povo e a denunciar os desmandos da ditadura.

A década de **oitenta** foi a era do peso pesado: rupturas, desilusões, conflitos, distanciamentos. Puebla e suas discussões haviam deixado sulcos que se tornaram cortes profundos e feridas. Conheci-a no início por fora, notícias, desabafos, tristes recordações. Mas peguei-a no final, agora como professor e, ainda na pré-

maturidade, muito novo, como diretor. As três brancas da Igreja católica (Maria, a Eucaristia e o Papa) eram contestadas e caladas. Uma passeata ou uma greve substituíam o estudo difícil da teologia. As mediações das ideologias pesavam mais que a essência da fé. A ânsia pela igualdade não distinguia professores e estudantes. Exigia-se uma Igreja do social. Havia desconfiças e defasagens entre as orientações da Direção e do Corpo Docente e as demandas dos alunos, entre ITESC e Regional Sul IV, entre estudo científico da teologia e empenho pastoral. O diálogo era difícil, tornou-se por vezes impossível.

A década de noventa, acalmados os ânimos e derrubados os muros, tem sido a era da colheita: ampliação do quadro docente, qualificação dos professores, formação diocesana dos estudantes, criação do Departamento de Pastoral, instalação do ITESC em sede própria, revisão dos Estatutos, elaboração das linhas orientadoras da formação do ITESC, estabilização do currículo, presença e assessoria de nossos professores em cursos nas dioceses, em eventos e entidades de âmbito nacional e internacional, cursos de formação para agentes de pastoral do Regional Sul IV, início da informatização de nossa Biblioteca, fortalecimento da revista "Encontros Teológicos", escolha de três professores para o episcopado! Como se vê, o ITESC ampliou seus compromissos: de formador de presbíteros passou a formar também agentes e lideranças leigas, diaconos e... bispos!

Resta, porém, uma pergunta: Toda esta produção dos anos 90 se casa com acomodação? A serenidade encobre apatia? Será que não nos deixamos guiar pelo refluxo: do social para o pessoal, do comunitário e participativo para o institucional? O que dirão de nós no nosso jubileu de ouro? Já é hora de novas sementeiras!

### PERSPECTIVA TEOLÓGICA

Mas, chega de história. Seria preciso mais memória para tudo gravar e mais coisas lembrar! Esta breve enquadramento histórica, contudo, me permite ver a caminhada teológica dos 25 anos do ITESC em três elementos: destaques, lacunas, caminhos abertos. Nesta análise, evitarei citar nomes, entendendo que o que aqui e a partir daqui fazemos tem uma dimensão coletiva.

Alguns destaques da teologia do ITESC:

Uma teologia bíblica, ao mesmo tempo científica e popular, que trabalha a forma e a redação do texto, situando-o no contexto daqueles tempos e relacionando-o com os desafios do nosso tempo, é um ganho da teologia brasileira. O ITESC, creio eu, não está fora dessa caminhada. Embora de modo simples, sem grandes alardes, uma teologia bíblica vai se fundando nas traduções de livros bíblicos, em livros publicados e nos artigos que, semestralmente, os professores da área publicam em nossa revista.

Uma teologia do diaconato, levada à frente por um professor, mas compartilhada por muitos outros e, mesmo, por alunos, tem sido espelho para muitas dioceses do país. A Escola Diaconal, as produções sobre o tema, as assessorias que se têm prestado pelo Brasil afora engrandecem o nome do ITESC. O conhecimento da teologia do diaconato ajudará nossos presbíteros a darem valor, em suas paróquias e comunidades, a essa expressão tão nova quanto antiga e bíblica do sacramento da ordem, uma expressão que, se não o desmitiza, como se poderia esperar, pelo menos o aproxima mais da vida real do povo.

Uma teologia do Espírito Santo, ainda incipiente, mas bastante dinâmica, ganhou força no Brasil e em nosso Estado nos últimos anos. É preciso dizer que o ITESC, salvo engano ou empáfia, foi o primeiro Instituto Teológico a ter a disciplina de Pneumatologia, hoje presente em quase todos os currículos teológicos do país. A Pneumatologia que aqui se tem produzido, por diversos professores, cada um a partir de sua área de concentração, está servindo agora para enriquecer os agentes de pastoral do Estado, famintos de conhecimento teológico a respeito de tema de tão grande atualidade. O estudo da teologia do Espírito Santo ajudará nossos presbíteros e agentes de pastoral a estarem em dia em termos de valorização dos carismas, da dimensão pessoal e emocional da fé e do diálogo inter-religioso.

### ALGUNS CAMINHOS ABERTOS:

Uma teologia feminina, facilitada pela presença de mulheres entre nós, professoras e alunas, tem tido diversos momentos de impacto. Experiências interessantes foram feitas: encontros, artigos, debates... Infelizmente, o término dos estudos de cada aluna traz consigo o fim desse impacto e volta-se sempre de novo à estaca zero nesse campo.

Uma teologia litúrgica, senão de modo explícito e enfático, mas no cotidiano da vida do ITESC e de nossas paróquias e comunidades, vai-se evidenciando como fruto destes 25 anos. Andando por aí, percebendo o interesse de muitos ex-alunos presbíteros pelo ministério da presidência e pela continuação dos estudos litúrgicos, bem como a assessoria prestada por nossos professores em cursos por este Estado e esse Brasil afora, não se pode negar uma presença itesquiana marcante na área da liturgia.

Uma teologia do laicato, garantida pela presença de alunos leigos e leigas e, mais ainda, pelos muitos cursos de formação oferecidos ao laicato da cidade e arredores, garante presença cotidiana no quefazer teológico do ITESC. Mas poderia ter tido mais impacto em nossa caminhada teológica jubilar. Enfim, faz-se muito sem a contrapartida da reflexão!

Uma teologia social, também facilitada pelo grande interesse de todos em articular a teologia com as ciências sociais, marca presença constante no processo

de estudo-ensino-aprendizagem do ITESC. Mas também aqui há ainda muito pouca reflexão e produção. A proximidade de quatro universidades, a convivência urbana com muitos movimentos populares e organizações não-governamentais, o convênio com a UFSC... poderiam ser mais bem aproveitados, em vista de uma teologia realmente mais inserida no diálogo e no confronto com as ciências sociais.

Uma teologia e uma espiritualidade do presbítero diocesano são caminhos abertos. A presença e a organização dos formadores das diversas casas de formação, a participação freqüente de nossos formadores e professores nas assembléias da OSIB, a assessoria que se tem prestado aos ENPs, a preocupação diuturna com a formação de pastores qualificados para o serviço do Reino de Deus... provoca-nos continuamente na busca de uma teologia e de uma espiritualidade do presbítero. E do presbítero diocesano. Muitas experiências foram feitas, diálogos foram entabulados, decisões foram tomadas..., mas sem a correspondência com uma necessária reflexão teológica que os fortificasse com conteúdos e argumentos científicos, baseados nas grandes fontes da fé.

Uma teologia do método sempre esteve presente no ITESC. Entendo por teologia do método uma teologia que se produza no caminho. Uma teologia que não seja só derramamento de conteúdos a serem enfiados na cabeça dos estudantes e aplicados à força na realidade, mas que se faça no caminho, às custas de métodos os mais diversos: exposições do professor como socialização do saber, questionamentos dos alunos como exercício crítico de recepção, debates a partir dos desafios e urgências do nosso tempo. Nossa teologia sempre foi, desde o início, embora haja quem pense diversamente, uma teologia inserida, vinda de e voltada para a realidade sócio-pastoral. Mas, falta, é verdade, uma sistematização dessa maneira de fazer teologia. Pequenas produções, mais de nível amadorístico que acadêmico, estão aí, porém, para abrir pistas!

#### ALGUMAS LACUNAS:

Uma teologia ecumênica, em que pese pequenas manifestações, é ausente entre nós. Sem diálogo e abertura para com as outras tradições cristãs, nossa teologia corre o risco de tornar-se catolicística e intolerante e, em termos práticos e pastorais, dado o atual pluralismo religioso, pode tornar-se ineficaz e inoperante. O fato de vivermos em um Estado de forte presença de outras igrejas, de termos no Estado uma experiência única, também jubilar, de Ensino Religioso Escolar ecumênico, de convivermos em nossa cidade com inúmeras igrejas, antigas e novas, deveria ter-nos provocado mais... para o diálogo ecumênico, o estudo do ecumenismo, a produção de uma teologia ecumênica.

Uma teologia estética, que trabalhasse as relações com as artes e as letras, enfim, com as humanida-

des... é outra carência. Sem artes e sem letras, a teologia se torna seca e árida, corre o risco do racionalismo e da frieza e, em termos práticos e pastorais, dada a universalidade de abertura humana para a dimensão artística, pode tornar-se unidimensional. Grandes momentos da teologia na história foram marcados pela contrapartida teológica das artes e letras, estas espelhando aquela e vice-versa. Hoje, cai-se num unidimensionalismo estéril e desumano. Viver em uma capital que, embora não situando-se no centro, consegue acompanhar o itinerário cultural do país, em termos de produção literária, de divulgação de filmes, shows, mostras, exposições, concertos, teatros... e, não acompanhar nada disso, sem influenciar e sem deixar-se influenciar pela cultura, arte e literatura que nos rondam, revela grande distanciamento de nossa teologia jubilar com relação às ondas culturais em que vive nosso tempo.

Uma teologia da vida religiosa ou consagrada também é ausente entre nós. É verdade que nosso objetivo maior tem sido o de formar presbíteros para nossas dioceses, portanto presbíteros diocesanos. Mas o fato de termos tido durante muito tempo alunos de congregações religiosas, masculinas e femininas e, mais ainda, o fato de estarmos preparando presbíteros que estarão lado a lado com religiosas e compartilhando da pastoral com colegas religiosos..., deveria provocar-nos mais para estudar e colaborar com a criação e ampliação da teologia da vida religiosa. Sabe-se que esta teologia, proveniente da experiência de muitos religiosos, tem enriquecido a vida espiritual e a ação pastoral de muitos homens e mulheres em nossa Igreja. A dimensão da inserção, da profecia, do martírio, do serviço... tem marcado fortemente a vida religiosa nos últimos decênios. O ITESC teria muito a ganhar com uma aproximação a esta teologia.

Uma teologia da Religiosidade Popular, que contemple as manifestações únicas e próprias do povo catarinense, como as Festas do Divino, as Procissões do Senhor dos Passos, as devoções em torno de João Maria, o Monge do Contestado... é também uma lacuna do ITESC. Como celebrar 25 anos de caminhada teológica, sem penitenciar-se por essa omissão? Quanto mais quando se trata de ir ao encontro do povo, aí onde ele se encontra e celebra a sua fé? Quanto mais que só a nós, catarinenses, nos são dados esses elementos, como dom e tarefa?

Uma teologia da festa, que reflita a relação entre a ganância consumista e materialista e o fascínio popular das festas de outubro, em número cada vez mais amplo, dos municípios catarinenses..., é outra ausência. Só a nós é dado o dom dessa realidade. Só a nós estudiosos e estudantes de teologia catarinenses cabe a tarefa de teologizá-la, isto é, enxergá-la à luz do plano de Deus. E ainda, uma teologia do turismo, que leve a nós e a nossos visitantes a contemplar as belezas naturais

de nossa Bela e Santa Catarina com os olhos do Criador e Pai.

### CONCLUSÃO EXORTATIVA

É claro que, para cobrir estas lacunas, avançar nos caminhos abertos e aprofundar os destaques, será preciso maior dedicação dos professores, maior interesse dos alunos, maior solicitude e presença dos bispos, maior carinho da Igreja do Regional Sul IV para com esta menina de seus olhos. Recursos humanos e financeiros serão bem-vindos. Será preciso um empenho mais sério na Pastoral Vocacional das Dioceses, para que tenhamos mais alunos. Sem os quais o ITESC não teria razão de existir. Já se sabe que o investimento valerá a pena. Um grande investimento será, a meu ver, escrever a história do ITESC. Nossos fundadores estão partindo para o Reino celeste e levando consigo nossa memória. Por que não debruçar-se, enquanto é tempo, e demorar-se mais na ampliação e conhecimento de nosso passado, em vista de maior conscientização de nossos compromissos no presente e maior fecundidade para o futuro?

Enfim, se muito já se fez e se faz..., Deus não nos pede o mínimo para que com ele nos acomodemos. Deus nos pede o máximo, e não quer que nos debruce-mos na janela para ver a banda passar, nem nos deite-mos para desfrutar o cheiro gostoso dos louros da vitória. Ele está à nossa frente, chamando-nos a dar mais, a fazer mais, a ser mais.

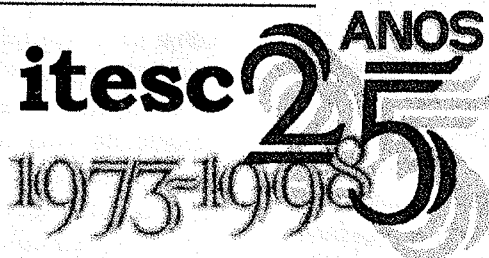
Parabéns a todos nós! Até o jubileu de ouro!

\* Conferência proferida durante a Sessão Solene em comemoração aos 25 anos do ITESC, aos 13-05-1998

\*\* O Autor é Doutor em Teologia e Professor de Teologia Sistemática no ITESC

### Endereço do Autor:

Paróquia de N.Sra. da Boa Viagem  
rua João Mota Espezim, 1023  
bairro do Saco dos Limões  
88045-400 FLORIANÓPOLIS, SC



## ORAÇÃO DO JUBILEU DO ITESC

Pai Santo, eis-nos aqui para dar-te graças! Para agradecer-te por estes 25 anos, vividos na busca da realização da tua Vontade, no empenho pela construção do teu Reino, na dedicação ao serviço do teu Povo, da Igreja do teu Filho.

Ele, para realizar a missão à qual o enviaste, quis cercar-se de colaboradores, de discípulos, aos quais dedicou o carinho de uma formação especial, ao longo de vários anos, para depois enviá-los, por sua vez, como seus apóstolos, com a incumbência de anunciarem o Evangelho ao mundo inteiro.

Nosso Instituto Teológico, há 25 anos brotado do zelo pastoral dos nossos Bispos, pouco depois da criação do Regional Sul IV em nosso Estado, quis ser desde o início esta escola de formação apostólica para a Igreja de Santa Catarina: formando aqui especialmente nossos presbíteros, mas também nossos diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas, que aqui puderam refletir e educar a sua Fé, em vista de uma ação apostólica mais eficaz em nossas comunidades.

Nós te damos graças, Pai Santo, por todo o bem que pôde ser realizado. Por toda a perseverança nos momentos difíceis, por toda a sinceridade na busca de soluções, por todo o fervor no aprofundamento da tua Palavra, por toda a Esperança que nos anima.

Ao mesmo tempo que te agradecemos, pedimos-te também perdão. Perdão por todas as vezes que não fomos suficientemente sensíveis aos sinais dos tempos, que não nos dispusemos a ouvir o que o Espírito diz às Igrejas (cf Ap 2,7), que não nos decidimos a mudar o que devia ser mudado, a corrigir o que devia ser corrigido, que não nos empenhamos com todas as forças a corresponder ao que a Igreja e o povo de Deus esperam de nós.

Estamos às vésperas da celebração do Grande Jubileu. O pequeno Jubileu do nosso Instituto Teológico, ó Pai, quer inserir-se nessa grande celebração que a tua Igreja, a Igreja do teu Filho, realiza em escala mundial. Queremos empenhar-nos, também nós, para que a celebração não se reduza a mera comemoração triunfalista, mas se transforme num amplo movimento, muito consciente, de verdadeira conversão.

Converte-nos, ó Pai, de coração, à Boa Notícia do teu Filho! Hoje, neste dia do nosso Jubileu, se cumpra em nós, em nosso Instituto Teológico jubilar, esta palavra da Escritura: *O Espírito do Senhor está sobre nós. Ele consagrou-nos pela unção e enviou-nos a anunciar a Boa Notícia aos pobres...* (cf Lc 4,18) Possamos, cada um de nós, também ungidos pelo teu Espírito, atualizar a presença salvadora de Jesus no meio do teu e nosso povo, a fim de que, também eles, possam exclaimar, como o fizeram as multidões, diante da Palavra e da Ação do teu Filho: *Nós vimos hoje coisas maravilhosas!* (cf Lc 5,26)